**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ELVIRA DAYRELL**

**-ISEED-**

**VICENTE ROMUALDO DA SILVA FILHO**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:**

**FOCO NA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO**

**PENDÊNCIAS/RN**

 **2019**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ELVIRA DAYRELL**

**-ISEED-**

**VICENTE ROMUALDO DA SILVA FILHO**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:**

**FOCO NA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO**

Artigo Científico Apresentado ao Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell – ISEED, como requisito parcial para a obtenção do título de Pós Graduação-Lato Sensu.

**PENDÊNCIAS/RN**

 **2019**

**O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA:**

**FOCO NA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO**

Vicente Romualdo da Silva Filho

**RESUMO**

O ensino de Língua Portuguesa, há tempo, basicamente resume-se a uma prática pautada em regras e conceitos, no cotidiano da sala de aula, daí este artigo, intitulado de: *“O Ensino de Língua Portuguesa: Foco numa nova concepção de Linguagem como um processo de interação”,* fazer uma reflexão a cerca do ensinar a língua, a norma culta, primando a interação da linguagem, assim, a metodologia aplicada foi procedida em uma pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros, artigos e outros materiais que tratavam sobre o tema, que procuravam aprimorar o tema em pauta, permitindo mostrar a importância do ensino de Língua Portuguesa considerando a interação. Dessa forma o ensino da Língua Portuguesa passa a ser dinâmico e produtivo, visto que, numa ótica interacionista, o ler, o produzir e o analisar os diversos gêneros textuais, desenvolvem a competência comunicativa nos alunos.

**Palavras-Chave:** Ensino. Concepção. Leitura. Interação. Linguagem.

**Introdução**

Este artigo tematizado: “O Ensino de Língua Portuguesa: Foco Na concepção de linguagem como processo de interação”, objetiva fazer algumas reflexões a respeito do ensino da Língua Portuguesa nos moldes tradicionais, com vistas ao ensino na perspectiva da concepção de linguagem interacionista, que considera a interação fundamental no processo, já que é comum aos docentes da língua materna, fazerem questionamentos a respeito de ensinar ou não ensinar, a Língua Portuguesa com os seus aspectos gramaticais de forma descontextualizados e a melhor forma de ensiná-los? Assim, persistindo, a prática pedagógica, onde palavras, frases e textos são trabalhados de forma isolados, tornando-os insignificantes ao cotidiano do educando. Nesse contexto, percebe-se nos docentes a incerteza do que e como ensinar na sala o nosso idioma, e não persistir numa prática do ensino gramatical isoladamente, visto que, alguns estudiosos apontam, embasados nas suas pesquisas, para uma prática que seja social e interativa. Nesse artigo, são apresentadas, de forma sintetizada, as concepções de linguagem, *expressão do pensamento, instrumento de comunicação, com ênfase na concepção em que a linguagem é um processo de interação*. A metodologia baseou-se na pesquisa de caráter bibliográfico, pois priorizou-se a leitura de livros, artigos e materiais diversos que tratam acerca das práticas docentes voltadas para o processo do ensino e a aprendizagem da nossa língua de forma interacionista.

**Desenvolvimento**

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM**

Antigamente, o processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa, se dava, inicialmente, com alfabetização da criança, onde a mesma aprendia a escrever, era a linguagem como expressão do pensamento. De posse de tal habilidade, trabalhava-se conteúdos que tinham como objetivo produzir textos, dominar regras de gramática, como também ler textos literários, prática essa, que a conduzia á análise e interpretação de textos. O processo acontecia por etapas, linguagem como instrumento de comunicação.

Hoje a prática de ensino, não mais se dá dessa forma, mas continuamente. Tereza Tedesco, professora do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), afirma que “O aluno precisa entrar em contato com dificuldades progressivas do conteúdo. Desse modo, desenvolve competências e habilidades diferentes ao longo dos anos”.

 Pensamentos de autores diversos destacam que há três modos de se ver e compreender a linguagem, que vêm permeando a história dos estudos linguísticos. Essas concepções de ideologias distintas e determinados períodos, no momento, são brevemente descritas.

***A Linguagem é a expressão do pensamento***

Nessa concepção, o pensamento é o ponto fundamental, porque para as pessoas saberem se expressar, faz-se necessário o pensar, requisito básico na hora de produzir texto, vez que a linguagem expressa o que se constrói na mente, é aquela em que a expressão, oriunda, inicialmente, da mente dos seres, onde exteriorização da linguagem dependerá da capacidade do ser em organizar a lógica do seu pensamento, através de uma linguagem estruturada. Nessa concepção, segundo Travaglia (1997, p. 21), o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, ”a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo o outro, nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. A comunicação em que exterioriza o pensamento através de uma linguagem bem estruturada, se explica como o ato de criação individual, pois acontece que a expressão exteriorizada foi uma dependência do interior, do pensamento e de sua capacidade de organização, daí a confiança que o pensamento de forma lógica que resulta numa logística da linguagem é o caminho para introduzir regras a serem seguidas e que essas regras sejam trabalhadas no ensino de gramática normativa ou tradicional, que ver como princípio básico, o saber Português é saber dominar os aspectos gramaticais, os quais preceituam os fenômenos linguísticos em “certos” e “errados”, assim priorizando determinadas atitudes linguísticas, em detrimento de outras. Para Franchi (1991, p. 48), a gramática normativa é “o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores.”

Diante o exposto deduz-se que falar e escrever corretamente, conforme as normas da gramática tradicional, é o ser que sistematiza, organiza a lógica, a luz do seu pensamento.

***A Linguagem é instrumento de comunicação***

Surge uma nova concepção em que os procedimentos didáticos passaram a da ênfase a leitura, a escuta e a produção; faziam-se atividades que desenvolviam, no aluno, a oralidade, como também, analisar e refletir sobre a língua e o seu sistema de funcionamento e normas, práticas que rompem com a concepção da linguagem, até então, tida como expressão do pensamento, a qual apresentava a leitura e a escrita como consequências do pensar, a partir desse as discussões, o trabalho do professor, giravam em torno de características descritivas e normativas da língua.

Então, nesse novo paradigma, em que inovam as formas dos professores trabalharem, deixa de ser entendida, a linguagem como expressão do pensamento e passa a ser entendida como um instrumento de comunicação, pois envolve um interlocutor e uma mensagem que precise ser interpretada. Todos os gêneros textuais passaram a ser vistos como importantes instrumentos de transmissão de mensagens.

Segundo Geraldi (1997a: 41), essa concepção de linguagem se liga à Teoria da Comunicação e prediz que a língua é um sistema organizado de sinais (signos) que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Em outras palavras, a língua é um código, um conjunto de signos, combinados através de regras, que possibilita ao emissor transmitir uma certa mensagem ao receptor. A comunicação, no entanto, só é estabelecida quando emissor e receptor conhecem e dominam o código, que é utilizado de maneira preestabelecida e convencionada. Ainda com relação a linguagem como um instrumento de comunicação, vários estudos esclarecem a história sobre a linguagem, mostrando que, os estudos, ficam restritos ao processo interno de organização do código. Privilegiando-se, então, a forma, o aspecto material da língua, e as relações que constituem o seu sistema total, em detrimento do conteúdo, da significação e dos elementos extralinguísticos.

Ainda, em se tratando sobre essa tendência da linguagem, Travaglia (2002, p. 23), afirma que a dinâmica comunicativa dessa concepção de linguagem se dá por meio da relação entre o falante e o ouvinte, quando o falante tem em sua mente ideias a transmitir ao seu interlocutor. Assim, ele a codifica (coloca-a em código) e a remete a outrem por intermédio de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O ouvinte capta os sinais enviados e já codificados e os transforma em mensagens, informações, ocorrendo dessa forma o processo da decodificação.

Foram tantos, os nomes importantes, que dedicaram seus estudos a essa tendência, entre eles, destacaram-se os de Ferdinand de Saussure, o qual levou seus estudos linguísticos ao que considera essencial: a língua.

De seu curso de Linguística Geral (1969), depreende-se a sua visão de língua, um sistema abstrato, homogêneo, um fato social, geral, virtual. Ao mesmo tempo, ela é considerada uma realidade psíquica e uma instituição social que é “exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la “(p.22). Por ser um fato social, “um sistema de signos que exprimem ideias” (p. 24), caracterizar-se por sua “natureza homogênea” (p. 23) e impor-se ao indivíduo coercitivamente, a língua se constitui em um elemento de organização social, prestando-se, portanto, a um estudo sistemático. Ao contrário, revela-se a fala que é excluída do campo dos estudos linguísticos, em virtude de ela se constituir de atos individuais. Em seu trabalho, também, exclui a pesquisa diacrônica, abordando, tão somente, a descrição em estado de língua sincrônica. Isso acontece, porque o processo pelo qual as línguas se modificam, não é levado em consideração. O que interessa é saber o modo como elas funcionam, um momento, como meio de comunicação entre os falantes, a partir da análise de sua estrutura e configuração formal.

.

***A Linguagem é um processo de interação***

A conjuntura, com enfoque na linguagem, passa por momentos de inovação, com o aparecimento de novas obras, visto que, até então, o acervo, não era mais uma referência à escrita, assim o acervo é ampliado, surgindo novas vertentes acadêmicas. Nesse cenário Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) apresentou uma nova concepção de linguagem o enunciativo-discursiva, que ver no discurso uma prática social e um processo ou forma de interação, tese vigente e reafirmada por Travaglia (1997: 23), “ nessa concepção, o que indivíduo faz ao usar não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor )ouvinte/leitor)”.

Nessa concepção de linguagem, as situações que envolvem a relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, os diferentes momentos de comunicação, os gêneros, a interpretação, a intenção de quem produz, passaram a ser fundamentais no processo, visto que a expressão não era mais um fato real, mas o resultado das intenções de quem a produziu impactando no receptor, o aluno que passa a ser um sujeito ativo e atuante, em vez de um simples reprodutor de modelos, ou seja, tornando-se, no momento de ler e escrever, um ser passivo.

Na vertente interacionista, os procedimentos metodológicos deixam de ser exercícios contínuos descrevendo os aspectos gramaticais e o estudo das terminologias e regras que privilegiam, tão somente, a classe ou forma, ou seja, a morfologia e a sintaxe da língua, passando a focar o estudo da língua, em situações concretas de interação, percebendo as diferenças de sentido entre uma situação e outra. Nesse caso, a língua é o reflexo das relações sociais, pois, de conforme o momento e conforme o objetivo específico da enunciação é que essa ou aquela forma de expressão acontece. Assim, o locutor constrói o seu discurso mediante as necessidades enunciativas concretas, escolhendo formas linguísticas que permitam que seu discurso figure num dado contexto e se já adequado a ele. Sendo assim, o locutor leva em consideração o se interlocutor, tanto no que se refere à imagem que tem dele, quanto à construção de seu discurso, empenhando-se para que ele seja compreendido num contexto concreto, preciso e, consequentemente, atinja o objetivo pretendido.

Portanto, nessa concepção de linguagem, seja ela oral ou escrita, processa-se por meio de enunciados que se materializam em diversas interações.

**Conclusão**

Esse Trabalho de Conclusão de Curso, que não intencionava em fazer descrição de normas ou regras com relação ao fazer pedagógico no cotidiano do docente, mas tão somente, apresentar, suscintamente, reflexões a cerca das concepções de linguagens como forma de esclarecer a trajetória do processo no tocante ao ensino de língua e sua relação com essas concepções, enfocando que a concepção de linguagem que até hoje, influencia o ensino, é a que focaliza o processo de interação entre as pessoas.

No entanto, conclui-se que o apresentado neste artigo, é uma descrição das concepções de linguagem, e que uma prática docente do ensino da língua materna com foco na interação, depende de um vasto conhecimento do idioma, de uma postura no empenho e força de vontade por parte do professor, em promover a mudança de sua concepção de linguagem e, por consequência, de sua prática em sala de aula.

Para tanto, o professor de Língua Portuguesa precisa, antes de qualquer coisa, conhecer as novas teorias que embasam os estudos linguísticos. Como afirma Antunes (2003, p.108), “o professor precisa ser visto como alguém que pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende”. Seguindo essas recomendações o docente não mais trabalhará a linguagem numa visão que o pensar é o caminho para produzir, e passará a criar, a construir seus conhecimentos, para o ensino de língua portuguesa, com ênfase na concepção de linguagem interacionista, onde a mesma passa a ser entendida, como um ponto primordial, nas relações que se estabelecem, a nível social e cultural o que a caracteriza por sua ação social no processo de interação.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem – Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 3ª Ed. Hucitec. São Paulo, 1986.

FRANCHI, C. “Mas o que é mesmo ‘Gramática’”. In: LOPES, H. V. et al (Org.). Lingua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade. São Paulo, Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W. & citelli, B. Aprender e ensinar com textos de alunos. São Paulo: Cortez, v. 1, 1997b.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. Tradução de CHELINI, A. & PAES, J. P. & BLIKSTEIN, I. São Paulo: Cultrix, 1969.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.